

A HISTÓRIA SOCIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA EM JUIZ DE FORA NO SÉCULO XIX

Malvina Maria de Oliveira¹

Milena Lepsch da Costa²

Pryncia Martha Silva Duarte Calegário³

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda⁴

RESUMO

Este trabalho é parte do projeto de pesquisa intitulado “A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: constituição de um banco de dados anotado”, o qual tem como objetivo analisar a história social da língua portuguesa na cidade de Juiz de Fora/MG, durante o século XIX, buscando estabelecer correlações sistemáticas entre a estrutura linguística e a estrutura social. A partir de informações de natureza histórica e demográfica, a intenção é, pois, contribuir para a caracterização do dialeto mineiro, já que Juiz de Fora – que integra a região da Zona da Mata, em Minas Gerais – atuou, no século XIX, como um centro aglutinador do crescimento da região, ao integrar o Caminho Novo, nova rota para o escoamento da produção aurífera advinda das regiões mineradoras. E, como forma de comprovar como o contato entre línguas diversas foi responsável pela variação linguística, no período pesquisado, constituímos um *corpus* representativo da língua portuguesa em Juiz de Fora, no século XIX.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Dialeto Mineiro. Língua Portuguesa em Juiz de Fora.

INTRODUÇÃO

Este trabalho integra o projeto de pesquisa “A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: constituição de um banco de dados anotado”, o qual busca analisar a história social da língua portuguesa em Juiz de Fora, no século XIX, delimitando em que medida a compreensão da heterogeneidade social permite desvelar processos de variação e mudança linguística.

1 Aluna de Iniciação Científica - PROVOQUE/UFJF

2 Bolsista BIC/UFJF

3 Bolsista Instalação de Doutores/UFJF

4 Professora Orientadora - Departamento de Letras, Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, e-mail: patriciacunhajf@ig.com.br

De acordo com Zágari et al. (1977), a língua portuguesa em Minas Gerais é constituída por três falares – falar baiano, falar paulista e falar mineiro – que possuem particularidades fonéticas e morfossintáticas. Segundo o pesquisador, os três falares que constituem Minas Gerais podem ser descritos e sintetizados da seguinte maneira:

- a) falar baiano: partindo do norte de Minas, vai até a linha, no sentido leste-oeste, abarcando as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu. Esse falar apresenta, principalmente, as seguintes características:

Quadro 1 – Características do falar baiano de acordo com Zágari (1977).

- Predominância das vogais médias pretônicas baixas: [ɔ̃ˈvalu], [sɛ̃ˈrenu]
- Presença da africada [tʃ] antecedendo a vogal alta [i]: [ˈmũtʃu], [ˈotʃu]
- Ocorrência do [t] e [d] como coronais: [iˈdadi], [ˈdɛti]
- Nasalidade ocorrente fora da sílaba tônica: [bãˈnãna], [kãmɾˈɲãw]
- Presença de algumas especificidades lexicais, tais como *neve* (= cerração), *chuva-de-flor* (= granizo), *zelação* (estrela cadente), *china* (= bola de gude), *queiro* (= dente-de-siso), *bituca* (= toco de cigarro), *ponga* (= carona)

- b) falar paulista: partindo do sul do Estado, na cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste, vai até Vazante, passando por Bom Despacho, Dolores do Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, englobando, portanto, todo o Triângulo Mineiro e a região sul do Estado. Esse falar caracteriza-se, principalmente, da seguinte maneira:

Quadro 2 – Características do falar paulista de acordo com Zágari (1977).

- Ocorrência do [r] retroflexo: [aˈboɾtu], [ˈkaɾta]
- Presença de diferenças prosódicas mais marcadas, já que o ritmo de fala apresenta-se mais veloz, se comparado com o falar do norte do Estado
- Presença de algumas especificidades lexicais, tais como *ramona* (= grampo), *rabicó* (= animal sem rabo), *cachopa* ou *caixote* (= colmeia), *chuva-de-rosa* (= granizo)

- c) falar mineiro: ocorrendo entre as duas áreas descritas acima e não compartilhando com elas nenhuma característica pontual, recobre primordialmente a Zona da Mata Mineira e a região do Campo das Vertentes. Esse falar apresenta, principalmente, as seguintes características:

Quadro 3 – Características do falar mineiro de acordo com Zágari (1977).

- Alçamento da vogal pretônica: [pi'kenu], [mi'ninu]
- Monotongação de ditongos: ['poku], ['ořu]
- Ditongação diante de sibilante: ['treys], ['meyz], ['veys]
- Presença de algumas especificidades lexicais, tais como *atiradeira* (= estilingue), *crica* (= bola de gude)

Baseando-se nessa classificação, este trabalho tem como objetivo fundamental analisar como situações específicas de contato linguístico ocorridas no século XIX – principalmente, no que se refere à presença bastante significativa de escravos de origem africana – seriam as principais responsáveis pela atual configuração do falar mineiro, o qual recobre, no Estado de Minas Gerais, as regiões da Zona da Mata e Vertentes.

Nossa análise tomou como base as relações de contato linguístico instanciadas na cidade de Juiz de Fora/MG, durante o século XIX (CUNHA LACERDA, 2009a, 2009b). Como verificamos, o município integrou o Caminho Novo – nova rota estabelecida para o escoamento do ouro proveniente da região mineradora – e se tornou, no século XIX, um grande centro exportador de café. Além disso, a cidade, em decorrência de seu acelerado processo de crescimento, vivenciou uma expressiva expansão de seu contingente populacional, no século XIX. E, nesse sentido, o desenvolvimento da cidade está relacionado a uma grande movimentação de agrupamentos populacionais, já que Juiz de Fora contou, durante o período, com a presença de imigrantes alemães e italianos, com pessoas que antes habitavam a região das minas e, principalmente, com o maior contingente de escravos de todo o Estado.

Como defendemos, a compreensão efetiva dos diversos dialetos e/ou falares que constituem uma língua requer uma análise bastante apurada de fatores de ordem histórico-social. No caso mais específico do falar mineiro, discutimos como a presença maciça de escravos de origem africana teria atuado como fator preponderante em sua configuração. No caso da língua falada em Juiz de Fora no século XIX, reconhecidamente se estabeleceu, por um longo período, uma situação de contato linguístico a partir da qual a língua portuguesa conviveu lado a lado com línguas de origem africana. A respeito da importância das situações de contato entre línguas para o estudo de processos de variação e mudança linguística, Kroch (1989) vai ainda além e afirma que a origem da mudança é sempre externa e envolve – como consequência do contato entre línguas – o contato entre gramáticas distintas. Nesse sentido, advogamos que o levantamento de informações de natureza demográfica pode fornecer importantes indícios de como os contatos linguísticos ocorridos na cidade, durante o século XIX, estariam diretamente relacionados a processos de variação e de mudança, principalmente no que se refere à presença maciça de escravos na região.

Assumimos, ainda, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001; CHAMBERS, 1995), que a constituição de um *corpus* representativo da língua portuguesa no século XIX pode fornecer importantes contribuições no que diz respeito a contatos linguísticos, pois Juiz de Fora constituiu, no período, um centro de imigração europeia e abrigou o maior contingente de escravos de todo o Estado (OLIVEIRA, 1991, 1999, 2004). Analisar esses contatos por meio de um banco de dados anotado significa, portanto, como acreditamos, buscar correlações entre mudanças de padrões sociais e mudanças linguísticas, tendo como marco os fluxos migratórios e os processos de imigração.

METODOLOGIA

Um grande problema com o qual se defrontam os estudiosos que se dedicam a pesquisas diacrônicas é a ausência de dados de fala que representem fases pretéritas da língua. Esse tipo de problema se torna ainda mais latente, quando consideramos que a efetiva compreensão do estágio atual de qualquer língua se baseia na análise de processos de variação e mudança linguística que ocorreram no passado. Diante desse cenário, a única saída encontrada é recorrer a documentos escritos que, de alguma forma, revelem o vernáculo, ou seja, apresentem traços de oralidade e representem a maneira como a língua era falada em determinada época. Como destaca Schneider (2004), a escolha de textos escritos para análise da língua falada torna-se uma tarefa que requer muitos cuidados, já que, antes de se definirem quais gêneros textuais trazem marcas de oralidade, é necessário realizar um estudo meticuloso do contexto social em que se inserem os textos a serem analisados.

Nesse sentido, a partir dos critérios que subsidiaram a constituição do *corpus* representativo da língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX, buscamos aferir, com base em documentos escritos, processos de variação e mudança linguística que ocorreram no passado. Durante a pesquisa, recorreremos a documentos organizados e disponibilizados pelo Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora, selecionando um tipo específico de documentação: processos criminais de ofensa verbal. Visto que não há dados reais de fala que representem o uso da língua em Juiz de Fora no século XIX, recorreremos a textos escritos que, por sua própria natureza, apresentassem claramente marcas de oralidade e permitissem, assim, aferir o vernáculo.

Como observamos durante a realização da pesquisa, a análise de processos criminais de ofensa verbal permite estabelecer uma estrita relação entre a estrutura linguística e a estrutura social vigente, uma vez que, em seu interior, é possível identificar discursos diversos, que seriam, nesse sentido, representativos das relações sociais que vigoravam no período. Cada processo, além do discurso do querelante, traz também o discurso das testemunhas, do delegado, do juiz e do próprio escrivão. Esse contexto de polifonia permite atestar, de forma bastante evidente, o uso variável que diferentes estratos sociais faziam da língua. Além disso, conforme evidenciamos, esse tipo de texto traz, pontualmente, como principais vantagens: a) apresentação de datação; b) indicação explícita da autoria; c) presença de informações contextuais básicas, como, por exemplo, o local em que o documento foi produzido e a que ou a quem se destina; d) representação do vernáculo, a partir da presença de marcas de oralidade.

A representação de marcas de oralidade através de processos criminais ganha ainda mais credibilidade, ao considerarmos que, no século XIX, o processo de escolarização em Juiz de Fora era ainda bastante incipiente, já que a primeira escola, formalmente instituída, data apenas de 1860 (LESSA, 1985). Isso quer dizer que nem todas as pessoas detinham, durante o período, um efetivo conhecimento da norma-padrão da língua portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os processos de variação e mudança linguística indicam que as línguas se encontram, no decurso do tempo, em um constante fluxo de transformação, isso é, as línguas não constituem realidades estáticas e homogêneas. Embora esse fenômeno seja uma realidade que caracterize qualquer língua, os falantes não conseguem perceber sua dinamicidade, já que toda mudança se apresenta como um processo lento e gradual, que nunca atinge a língua, em sua totalidade, de uma só vez.

Ao assumir a tarefa de estudar a covariação sistemática entre a estrutura linguística e a estrutura social ou, até mesmo, uma relação de causalidade entre essas dimensões, a Sociolinguística Variacionista

promoveu um redirecionamento dos estudos linguísticos, tratando a língua como um sistema heterogêneo e multifacetado. Com a intenção de sistematizar o estudo dos processos de variação e de mudança, a Sociolinguística Variacionista busca estabelecer uma correlação entre a estrutura linguística e a estrutura social (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001). A posição da Sociolinguística Variacionista em relação ao tratamento da mudança linguística vem, então, a ser nitidamente contrária aos modelos, tanto do estruturalismo como do gerativismo, uma vez que ela não exclui os fatores sócio-históricos na compreensão central da mudança linguística (BYNON, 1977).

Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, concluímos que estudar qualquer língua ou dialeto implica, necessariamente, estudar sua história social. Isso quer dizer que não há como se pensar em qualquer atividade linguística que não seja fundamentalmente social. Parece inegável, desse modo, que “a história de uma língua é uma função da história de seus falantes, e não um fenômeno independente que pode ser estudado em detalhes sem menção ao contexto social em que está inserido” (THOMASON; KAUFMAN, 1988).

Quando analisamos criticamente as contribuições da Sociolinguística Variacionista para os estudos linguísticos, não podemos deixar de considerar que o resgate de aspectos sociais e, até mesmo, históricos foi fundamental. Além de se dedicar pontualmente ao estudo de processos sincrônicos de variação e processos diacrônicos de mudança, a Sociolinguística Variacionista ainda se dedica à análise de situações de contato linguístico, a fim de compreender os fatores propulsores do processo de variação e, conseqüentemente, de mudança. E, sob essa perspectiva, as situações de contato linguístico fomentariam a inserção de variantes num determinado sistema linguístico (KROCH, 2001). Estudar a variação e a mudança significa, nesse caso, estudar a identidade dos falantes, uma vez que o uso de cada variante linguística está intimamente relacionado ao papel social desempenhado por cada estrato social, em uma dada comunidade linguística.

No caso de nossa pesquisa, assumimos ser indissociável o estudo da língua e o estudo da estrutura social. Acreditamos, portanto, que analisar correlações entre mudanças de padrões sociais e mudanças linguísticas, tendo como marco os fluxos migratórios e imigratórios que ocorreram em Juiz de Fora, durante o século XIX, pode contribuir para a construção da história social da língua portuguesa na cidade e, paralelamente, para uma maior compreensão do dialeto mineiro.

Do ponto de vista sociolinguístico, o que nos chama a atenção, nesta pesquisa, é a presença de um cenário linguístico multifacetado e heterogêneo, que permite a busca de elementos na estrutura social, a fim de que a história da língua portuguesa em Juiz de Fora durante o século XIX possa ser compreendida. A partir desse tipo de análise, temos a oportunidade de delimitar em que medida os contatos linguísticos ocorridos atuaram como propulsores de processos de variação e mudança linguística.

No banco de dados constituído durante a pesquisa, observamos que a linguagem empregada aproxima-se bastante da oralidade. Embora fosse o escrivão o responsável pela redação do processo criminal de ofensa verbal, há evidentes traços de oralidade nos textos analisados. Como destaca Carneiro (2004), cada queixa era anotada por um escrivão, mas entre as fórmulas jurídicas sempre havia expressões populares, já que o funcionário do sistema jurídico estaria, na maior parte das vezes, copiando o que a pessoa realmente estava dizendo, embora estivesse escrevendo em terceira pessoa. Desse modo, as ofensas verbais têm contribuído muito para, de alguma forma, “reconstruir” a língua falada em Juiz de Fora no século XIX, atuando como uma importante fonte de informações a respeito das relações sociais e da condição social dos envolvidos.

Com base na análise do *corpus*, foi possível verificar que vários traços que comumente são atribuídos às línguas de origem africana – especialmente, as que constituem o grupo banto (cf. ALKMIM, 2001, 2002) – podem ser encontrados nos textos analisados.

Nos documentos pesquisados, destacam-se as seguintes características: a) alteamento da vogal pretônica (*piquena*); b) monotongação de ditongos (*poco*); c) ditongação diante de /s/ em final de vocábulo (*treis*); d) apagamento do /r/ em final de formas verbais no infinitivo ('se pode *Resulta* alguma deformidade e qual ella seja'); e) ocorrência de metátese, ou seja, transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo (*perciso*); f) supressão da preposição ('que elles *havião acabar com elle* queixoso'); g) ausência de concordância de número ('que *os criminosos não zombe* da Ley'); h) ausência de artigo no sintagma nominal ('de este ato porem *em ocasião* que o queixoso se Retirava'); i) presença de pronome cópia nas relativas ('para seguir os direitos e termos necerarios *a qual pitição a sitei*').

Com base na análise de dados do século XIX, esperamos, portanto, ter contribuído para comprovar que somente a recuperação de sincronias pretéritas pode explicar efetivamente a configuração atual da língua e, mais especificamente, dos dialetos e/ou falares que a compõem. E, nesse contexto, a busca por uma sociolinguística histórica, que procure agregar informações histórico-demográficas, se torna uma condição claramente fundamental.

CONCLUSÕES

A partir da realização da pesquisa, atestamos ser indissociável o estudo da língua e o estudo da estrutura social. Constatamos, nesse sentido, que analisar correlações entre mudanças de padrões sociais e mudanças linguísticas, tendo como marco os fluxos (i)migratórios que ocorreram, em Juiz de Fora, durante o século XIX, pode contribuir substancialmente para a construção da história social da língua portuguesa na cidade e, paralelamente, para uma maior compreensão do dialeto mineiro.

Com a intenção de considerar um gênero textual que permitisse analisar a estrutura linguístico-social de forma mais ampla, fizemos a escolha por trabalhar com processos criminais de ofensa verbal. E, nesse caso, a utilização de processos criminais de ofensa verbal adquiriu um papel de bastante relevância para a constituição de um *corpus* representativo da língua em Juiz de Fora no século XIX, já que esse tipo de texto seria representativo da maneira como efetivamente falava a população à época. Desse modo, esses processos de ofensa verbal, além de revelarem importantes indicadores de padrões de conflitos existentes na sociedade da época, também atuariam como fonte de pesquisa para a análise de processos de variação e mudança linguística ocorridos no passado.

Como acreditamos, os processos criminais datados do século XIX, além de permitirem o conhecimento do sistema jurídico vigente na época, também permitem interfaces com a área da Linguística. E a importância dos processos de ofensa verbal se torna ainda mais evidente, quando consideramos que, em seu interior, é possível identificar discursos diversos, que são, nesse sentido, representativos das relações sociais que vigoravam no período. Cada processo, além do discurso do querelante, traz também o discurso das testemunhas, do delegado, do juiz e do próprio escrivão. Esse contexto de polifonia permite atestar, de forma bastante evidente, o uso variável que diferentes estratos sociais faziam da língua.

Fica evidente, portanto, que toda a movimentação populacional vivenciada em Juiz de Fora, durante o século XIX, certamente trouxe implicações para o uso da língua na cidade e na região. As intensas situações de contato linguístico vivenciadas pela população e a conseqüente convivência entre gramáticas distintas seguramente devem ter atuado como fatores propulsores de processos de variação e de mudança linguística.

Com base nesta pesquisa, esperamos, portanto, ter contribuído para a confirmação de que uma compreensão efetiva da língua e de sua natureza heterogênea e sistemática requer necessariamente que se estabeleça uma correlação íntima entre a estrutura linguística e a estrutura social.

THE SOCIAL HISTORY OF THE PORTUGUESE LANGUAGE IN JUIZ DE FORA DURING THE NINETEENTH CENTURY

ABSTRACT

This work integrates a research project entitled “The Portuguese language in Juiz de Fora in the nineteenth century: the composition of an annotated database”, which aims to analyze the social history of the Portuguese language in the city of Juiz de Fora/MG during the nineteenth century, seeking to establish systematic correlations between linguistic structure and social structure. Based on historical and demographic information, the intention is therefore to contribute to the characterization of the Mineiro Dialect because Juiz de Fora/MG served in the nineteenth century as an unifying center of the region’s growth. And, as a way to demonstrate how the contact among different languages was responsible for linguistic variation in the studied period, we set up a representative corpus of the Portuguese language in Juiz de Fora for the nineteenth century.

Keywords: Variacionist Sociolinguistics. Mineiro Dialect. Portuguese language in Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Estereótipos linguísticos: negros em charges do séc. XIX. In: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Novos estudos. v. III. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. A variedade linguística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Primeiros estudos. v. II. t. 2. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001.

BYNON, T. *Historical linguistics*. London: Cambridge University Press, 1977.

CARNEIRO, D. F. A distinção pela ofensa: processos de ofensa verbal em Juiz de Fora de finais do século XIX. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 39, 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: set. de 2008.

Chambers, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

CUNHA LACERDA, P. F. A. *A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: uma investigação sócio-histórica do falar da Zona da Mata Mineira*. Relatório de Pós-Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2009a.

_____. A língua portuguesa em Juiz de Fora no século XIX: elementos para caracterização do dialeto mineiro. In: *Anais do VI Congresso Internacional da Abralin*. João Pessoa: Ideia, 2009b.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Malden, MA: Blackwell, 2001.

_____. Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change*, n. 1, 1989.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. v. 1 e 2. Malden/Mass. Blackwell, 2001.

_____. *Principios del cambio lingüístico*. v. 1. Trad. de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 1994.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (Eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LESSA, J. *Juiz de Fora e seus pioneiros: do Caminho Novo à proclamação*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1985.

OLIVEIRA, M. R. Caminho Novo: o circuito das riquezas e dos privilégios no processo de ocupação das Vertentes e Mata Mineira. *Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-MG*, Juiz de Fora, 2004.

_____. *Negócios de famílias: mercado, terra, e poder na formação da cafeicultura mineira (1780-1870)*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

_____. *Imigração e Industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1991.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley, CA: University of California Press, 1988.

ZÁGARI, M. R. L. et al. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Juiz de Fora (MG): Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.